

**PISTAS DO MÉTODO
DA CARTOGRAFIA**
Pesquisa-intervenção
e produção de subjetividade

CONSELHO EDITORIAL
do livro Pistas do método da cartografia

Maria Elizabeth Barros de Barros
Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Psicologia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional.

Maurício Mangueira
Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Psicologia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social.

Sérgio Carvalho
Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Medicina Preventiva,
Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva.

Tania Galli Fonseca
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Programas de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional
e de Informática na Educação.

Apoio:



**PISTAS DO MÉTODO
DA CARTOGRAFIA**
Pesquisa-intervenção
e produção de subjetividade

Orgs.
Eduardo Passos
Virgínia Kastrup
Liliana da Escóssia



Editora Sulina

© Autores, 2009

Capa: Alexandre de Freitas, sobre litografia de Angelo Marzano

Projeto gráfico: FOSFOROGRÁFICO/Clo Sbardelotto

Editoração: Clo Sbardelotto

Revisão: Gabriela Koza

Revisão gráfica: Miriam Gress

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

5ª reimpressão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

P679 Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. — Porto Alegre: Sulina, 2020.
207 p.

ISBN: 978-85-205-0530-4

1. Psicologia. 2. Psicanálise. 3. Filosofia. I. Passos, Eduardo.
II. Kastrup, Virgínia. III. Escóssia, Liliana da.

CDD: 150

CDD: 101

159.9

159.964.2

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644 – 4º andar

Bairro Santana, CEP: 90620-100

Porto Alegre, RS – Brasil

Tel.: (51) 3110-9801

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Julho/2020

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

SUMÁRIO

Apresentação / 7

Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia

Pista 1

A cartografia como método de pesquisa-intervenção / 17

Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros

Pista 2

O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo / 32

Virgínia Kastrup

Pista 3

Cartografar é acompanhar processos / 52

Laura Pozzana de Barros e Virgínia Kastrup

Pista 4

Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia / 76

Virgínia Kastrup e Regina Benevides de Barros

Pista 5

O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica / 92

Liliana da Escóssia e Silvia Tedesco

Pista 6

Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador / 109

Eduardo Passos e André do Eirado

Pista 7

Cartografar é habitar um território existencial / 131

Johnny Alvarez e Eduardo Passos

Pista 8

Por uma política da narratividade / 150

Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros

Diário de bordo de uma viagem-intervenção / 172

Regina Benevides de Barros e Eduardo Passos

Posfácio

Sobre a formação do cartógrafo e o problema das políticas cognitivas / 201

Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia

Sobre os autores / 206

APRESENTAÇÃO

Nos anos 2005 a 2007, um grupo de professores e pesquisadores se reuniu uma vez por mês no Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense e no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro em seminários de pesquisa cujo objetivo foi a elaboração das pistas do método da cartografia. Unidos pela afinidade teórica com o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari e por inquietações relativas à metodologia de pesquisa, Eduardo Passos, Virgínia Kastrup, Silvia Tedesco, André do Eirado, Regina Benevides, Auterives Maciel, Liliana da Escóssia, Maria Helena Vasconcelos, Johnny Alvarez e Laura Pozzana, bem como diversos alunos de graduação e pós-graduação apresentaram e discutiram ideias, criaram duplas de trabalho, escreveram textos e, num ambiente de parceria, realizaram um fecundo exercício de construção coletiva do conhecimento. Definimos inicialmente que a cada encontro nos dedicaríamos a uma de dez pistas do método da cartografia – o que chamávamos de “decálogo do método da cartografia”. Foram três anos de trabalho. Em 2005 realizamos a primeira rodada de discussão. A cada encontro uma dupla apresentava as ideias disparadoras do debate, visando à coletivização do esforço de sistematização do método. Em 2006 cada dupla apresentou um texto a ser discutido no grupo. Muitos comentários, críticas e ajustes propostos. Em 2007 houve nova rodada de discussão, agora já trabalhando com os textos revisados. As discussões versavam sobre questões teórico-conceituais, buscavam a formulação adequada dos problemas metodológicos, envolveram a eliminação e o acréscimo de pistas e concorreram para o desenho final que este livro assumiu¹.

¹ Uma primeira versão das pistas do método da cartografia foi apresentada no texto de Virgínia Kastrup: “O método da cartografia e os quatro níveis da

Investigando processos de produção de subjetividade, entrávamos em um debate metodológico que tradicionalmente se organiza prioritariamente a partir da oposição entre métodos de pesquisa quantitativa e qualitativa. Os impasses metodológicos são muitas vezes atribuídos à natureza da pesquisa qualitativa, que reúne grande parte das investigações no campo dos estudos da subjetividade. Argumenta-se que, se a pesquisa quantitativa se adequa bem a *frames* e *scripts* preexistentes, como testes e questionários padronizados, além de contar com métodos estatísticos e *softwares* de última geração que dão a tranquilizadora imagem de sofisticação e exatidão científica, o mesmo não ocorre com a pesquisa qualitativa. Esta requer procedimentos mais abertos e ao mesmo tempo mais inventivos. Por outro lado, a distinção entre pesquisa quantitativa e qualitativa, embora pertinente, surge ainda insuficiente, já que os processos de produção da realidade se expressam de múltiplas maneiras, cabendo a inclusão de dados quantitativos e qualitativos. Pesquisas quantitativas e qualitativas podem constituir práticas cartográficas, desde que se proponham ao acompanhamento de processos. Para além da distinção quantitativa-qualitativa restam em aberto impasses relativos à adequação entre a natureza do problema investigado e as exigências do método. A questão é como investigar processos sem deixá-los escapar por entre os dedos.

Com esse desafio à frente, nos movíamos inicialmente por entre questões disparadoras: como estudar processos acompanhando movimentos, mais do que apreendendo estruturas e estados de coisas? Investigando processos, como lançar mão de um método igualmente processual? Como assegurar, no plano dos processos, a sintonia entre objeto e método? Desde o início estávamos cientes de que a elaboração do método da cartografia não poderia levar à formulação de regras ou protocolos. Percebíamos também que

pesquisa-intervenção”, publicado em Lúcia Rabello de Castro e Vera Besset (Orgs.), *Pesquisa-intervenção na infância e juventude* (Rio de Janeiro, Nau, 2008).

nossas inquietações estavam presentes na prática diária de muitos de nossos colegas.

Pesquisadores que investigam processos nas áreas de saúde, educação, cognição, clínica, grupos e instituições, dentre outros, enfrentam muitas vezes, na escrita de seus projetos, dificuldades em dar conta do item consagrado ao método. Como nomear as estratégias empregadas na pesquisa, quando elas não se enquadram bem no modelo da ciência moderna, que recomenda métodos de representação de objetos preexistentes? Como encontrar um método de investigação que esteja em sintonia com o caráter processual da investigação? No que concerne à chamada coleta de dados, tal dificuldade é muitas vezes contornada pelo apelo à noção de observação participante e às entrevistas semiestruturadas. Embora em certa medida conveniente, o vocabulário importado da pesquisa etnográfica e das pesquisas qualitativas em psicologia e nas ciências humanas em geral parece, todavia, muito genérico e longe de ser satisfatório.

Buscamos referências no conceito de cartografia que é apresentado por Gilles Deleuze e Félix Guattari na Introdução de *Mil Platôs* (Paris: Minuit, 1980; Rio de Janeiro: Editora 34, 1995). Na abertura do livro, os autores definem o projeto desta escrita a dois: texto-agenciamento, livro-multiplicidade feito de diferentes datas e velocidades. Qual é a coerência do livro? Qual é a sua unidade? Há uma clara recusa à organização que é própria de um “livro-raiz”, livro que se estrutura como se fizesse o decalque do que quer tratar; que se aprofunda para desvelar a essência do que investiga; que trata da realidade de “seu objeto” como se só pudesse representá-la. Livro-raiz que se inocenta de qualquer compromisso com a gênese da realidade, com o alibi de representá-la (ou re-apresentá-la) de maneira clara e formal. *Mil Platôs* não se quer como “imagem do mundo”. A diversidade que é matéria do pensamento e carne do texto é descrita, então, como linhas que se condensam em estratos mais os menos duros, mais ou menos segmentados e em constante rearranjo – como os abalos sísmicos pela movimentação das placas

tectônicas que compõem a Terra. Os mil platôs se mantêm lado a lado sem hierarquia e sem totalização. Tal geologia filosófico-política convoca a uma decisão metodológica, ou melhor, a uma atitude (*ethos* da pesquisa) que opera não por unificação/totalização, mas por “subtração do único”, como na fórmula do n-1. Menos o Uno. Menos o Todo, de tal maneira que a realidade se apresenta como plano de composição de elementos heterogêneos e de função heterogênea: plano de diferenças e plano do diferir frente ao qual o pensamento é chamado menos a representar do que a acompanhar o engendramento daquilo que ele pensa. Eis, então, o sentido da cartografia: acompanhamento de percursos, implicação em processos de produção, conexão de redes ou rizomas.

É assim que Deleuze e Guattari designam sua Introdução: Rizoma. A cartografia surge como um princípio do rizoma que atesta, no pensamento, sua força performática, sua pragmática: princípio “inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real” (Deleuze e Guattari, 1995, p. 21). Nesse mapa, justamente porque nele nada se decalca, não há um único sentido para a sua experimentação nem uma mesma entrada. São múltiplas as entradas em uma cartografia. A realidade cartografada se apresenta como mapa móvel, de tal maneira que tudo aquilo que tem aparência de “o mesmo” não passa de um concentrado de significação, de saber e de poder, que pode por vezes ter a pretensão ilegítima de ser centro de organização do rizoma. Entretanto, o rizoma não tem centro.

Em um sistema acêntrico, como conceber a direção metodológica? A metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas. Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: *metá-hódos*. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser

aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude. Com isso não se abre mão do rigor, mas esse é ressignificado. O rigor do caminho, sua precisão, está mais próximo dos movimentos da vida ou da normatividade do vivo, de que fala Canguilhem. A precisão não é tomada como exatidão, mas como compromisso e interesse, como implicação na realidade, como intervenção.

Em 1982, Suely Rolnik agenda a vinda de Félix Guattari ao Brasil. Essa visita foi a ocasião para um importante exercício cartográfico. Os dois cartógrafos apontaram diferentes linhas de composição da experiência macro e micropolítica brasileira. Não indicaram apenas os impasses e perigos que vivíamos naqueles anos de finalização da ditadura e de anúncio do processo de democratização institucional, tendo como pano de fundo a onda neoliberal e a globalização capitalística. Privilegiaram, sobretudo, as linhas flexíveis e de fuga que indicavam germens potenciais para a mudança: os movimentos negro, feminista, gay, a Reforma Psiquiátrica brasileira, as mídias alternativas, a autonomização do partido dos trabalhadores. O mapa que foi traçado a partir das andanças de Guattari pelo Brasil indicava menos o que era do que o que estava em vias de ser. O mapa cartografava nossas movimentações micropolíticas e dava pistas de como acompanhar esses processos de ação minoritária. O livro-rizoma que daí resultou (*Micropolítica. Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986) impactou verdadeiramente os que estavam ali participando da tecedura daquelas redes.

É também no fim dos anos 1980 que Suely Rolnik apresenta 24 “figuras-tipo do feminino” que dão pistas ao cartógrafo que quer acompanhar as mutações do capitalismo em sua relação com as políticas de subjetivação. Suely faz uma *Cartografia Sentimental* do mundo em que vivemos, tomando as “noívinhas” como personagens conceituais que em sua deriva histórica – dos anos 1950 aos 1980 – expressam movimentos de mudança, alterações dos regimes de afetabilidade, reconfigurações micropolíticas do desejo. O trabalho de Suely Rolnik junto a Peter Pelbart e Luiz Orlandi garantiram ao

Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da PUC/SP grande importância na formulação das direções do método cartográfico.

No sul do Brasil, a pesquisa cartográfica encontra importante laboratório. A condição de extremo sul deve ter favorecido as experimentações que desde o I Fórum Social Mundial em Porto Alegre (2001) anunciaram o lema de uma nova esquerda internacional: Tô Fórum. Lá também Tânia Galli tem conduzido a grupalização de pesquisadores interessados no modo de fazer da cartografia. O livro *Cartografia e devires. A construção do presente* (Porto Alegre: UFRGS, 2003) afirmou problemas cruciais para o campo da pesquisa nas ciências humanas: a) impossibilidade da transparência do olhar do pesquisador e afirmação do perspectivismo; b) crítica da separação entre sujeito e objeto e articulação do conhecimento com o desejo e implicação; c) recusa da atitude demonstrativa em nome do construtivismo entendido como experimentação de conceitos e novos dispositivos de intervenção.

Em Campinas, no Departamento de Medicina Preventiva da UNICAMP, Sérgio Carvalho e o grupo *Conexões* têm contribuído para a ampliação do debate cartográfico no campo de pesquisa das práticas de atenção e gestão em saúde. O mesmo acontece em Sergipe, com o grupo Prosaico, do Departamento de Psicologia da UFS. O método da cartografia se apresenta, assim, como alternativa importante para acompanhar o movimento da reforma sanitária brasileira e as lutas macro e micropolíticas para a produção de políticas públicas no Brasil. Outros cartógrafos têm estendido esta aposta metodológica no campo da saúde pública.

Na Universidade Federal Fluminense e na Universidade Federal do Rio de Janeiro, o grupo de pesquisa *Cognição e Subjetividade* tomou o tema da cartografia como problema metodológico, surgido frente aos impasses experimentados no campo dos estudos da cognição. Em nosso percurso, partimos do problema formulado no projeto de pesquisa “A noção de subjetividade e a superação do

modelo da representação” (CNPq, 95/96). Nesse momento, colocávamos em questão o pressuposto de que conhecer é representar ou reconhecer a realidade. Configurava-se para nós a importância do binômio cognição/criação, o que nos exigiu investigar com mais detalhe a dimensão temporal dos processos de produção de conhecimento. Chegamos à definição do conceito de cognição como criação, autopoiese (Humberto Maturana & Francisco Varela) ou enação (Francisco Varela). De acordo com tal perspectiva, os polos da relação cognoscente (sujeito e objeto) são efeitos, e não condição da atividade cognitiva. Com o alargamento do conceito de cognição e sua inseparabilidade da ideia de criação, a produção de conhecimento não encontra fundamentos num sujeito cognitivo prévio nem num suposto mundo dado, mas configura, de maneira pragmática e recíproca, o si e o domínio cognitivo. Destituída de fundamentos invariantes, a prática cognitiva engendra concretamente subjetividades e mundos. A investigação da cognição criadora coloca então o problema do compromisso ético do ato cognitivo com a realidade criada. Produção de conhecimento, produção de subjetividade. Eis que surge o problema metodológico. Como estudar esse plano de produção da realidade? Que método nos permite acompanhar esses processos de produção?

Em vez de regras para serem aplicadas, propusemos a ideia de pistas. Apresentamos pistas para nos guiar no trabalho da pesquisa, sabendo que para acompanhar processos não podemos ter predeterminada de antemão a totalidade dos procedimentos metodológicos. As pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa – o *hódos-metá* da pesquisa.

Neste volume, enumeramos oito pistas para a prática do método da cartografia. Há trinta anos, Guattari (*O inconsciente maquínico. Ensaio de esquizoanálise*. Campinas: Papyrus, 1988 [1979]) propunha os “Oito princípios” da esquizoanálise. Se o pri-

meiro princípio foi “Não impedir”, isto é, não atrapalhar os processos em curso, o último recolocava as bases da enumeração proposta, dizendo: “Toda ideia de princípio deve ser considerada suspeita”. Era a ideia de princípio que se dissolvia na contundência da aposta metodológica de Guattari, fazendo com que não se pudesse esperar por uma garantia definitiva (tal como um fundamento) para o trabalho da análise. Neste volume, enumeramos oito pistas para a prática do método da cartografia. Como destacou Regina Benevides, podemos dizer que mais do que a sintonia do número 8, as pistas que propomos agora nortearam-se por uma atitude atenta ao que já em 1979 Guattari convocava.

A apresentação das pistas não corresponde a uma ordem hierárquica. A leitura da primeira pista não é pré-requisito para a leitura da segunda e assim sucessivamente. A organização do livro corresponde a um rizoma. O leitor pode iniciar pela pista que julgar mais conveniente ou interessante e ler as outras na sequência que lhe aprouver. Como não poderia deixar de ser, elas remetem umas às outras. Ainda como um rizoma, as pistas aqui apresentadas não formam uma totalidade, mas um conjunto de linhas em conexão e de referências, cujo objetivo é desenvolver e coletivizar a experiência do cartógrafo.

A **pista 1**, “A cartografia como método de pesquisa-intervenção”, é apresentada por Eduardo Passos e Regina Benevides. Baseada na contribuição da análise institucional, discute a indissociabilidade entre o conhecimento e a transformação, tanto da realidade quanto do pesquisador.

A **pista 2** é trabalhada por Virgínia Kastrup no texto “O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo”. Criando uma interlocução entre Freud, Bergson e a pragmática fenomenológica, são definidos os quatro gestos da atenção cartográfica: o rastreo, o toque, o pouso e o reconhecimento atento.

Na **pista 3**, Laura Pozzana e Virgínia Kastrup discutem a ideia de que “Cartografar é acompanhar processos”. Baseado numa pesquisa sobre oficinas de leitura com crianças, o texto analisa a

distinção entre a proposta da ciência moderna de representar objetos e a proposta da cartografia de acompanhar processos, além de apresentar um exercício da (re)invenção metodológica nas entrevistas com crianças.

A **pista 4** vem apresentada no texto de Virgínia Kastrup e Regina Benevides: “Movimentos-funções do dispositivo no método da cartografia”. As ideias de Foucault e Deleuze surgem mescladas com exemplos concretos extraídos do campo da clínica e da pesquisa com deficientes visuais. São propostos três movimentos-funções: de referência, de explicitação e de produção e transformação da realidade.

A **pista 5** foi escrita por Liliana da Escóssia e Silvia Tedesco. No texto “O coletivo de forças como plano da experiência cartográfica”, as autoras apontam, apoiadas sobretudo em Gilbert Simondon e Gilles Deleuze, que ao lado dos contornos estáveis do que denominamos formas, objetos ou sujeitos, coexiste o plano coletivo das forças que os produzem, além de definirem a cartografia como prática de construção desse plano.

A **pista 6** é apresentada por Eduardo Passos e André do Eirado no texto “Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador”. O texto revela a preocupação em apontar que a recusa do objetivismo positivista não deve conduzir à afirmação da participação de interesses, crenças e juízos do pesquisador, concluindo que objetivismo e subjetivismo são duas faces da mesma moeda.

A **pista 7**, “Cartografar é habitar um território existencial”, é apresentada por Johnny Alvarez e Eduardo Passos. Por meio do relato de uma pesquisa sobre o aprendizado da capoeira, o texto traz à tona a importância da imersão do cartógrafo no território e seus signos.

A **pista 8** aborda o tema da escrita de textos de pesquisa. Eduardo Passos e Regina Benevides apresentam em “Por uma política de narratividade” a ideia de que a alteração metodológica proposta pela cartografia exige uma mudança das práticas de narrar.

Encerrando a coletânea, o texto “Diário de bordo de uma viagem-intervenção” de Regina Benevides e Eduardo Passos apresenta um exemplo vivo da construção coletiva de uma pesquisa. Usando uma troca de correspondência durante uma viagem de pesquisa-intervenção, discutem a utilização do *hors-texte*.

Como um balanço final do livro, um Posfácio discute a formação do cartógrafo e as políticas cognitivas do pesquisador, além de abrir novos problemas que continuam desafiando o pensamento e atentam para o rigor da pesquisa cartográfica.

*Eduardo Passos,
Virgínia Kastrup
e Liliana da Escóssia*